Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Economia Rural

TEXTOS EM DISCUSSÃO DE EXTENSÃO RURAL

SEXISMO NA GERAÇÃO E DIFUSÃO DE TECNOLOGIA NAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Ana Louise de Carvalho FIÚZA,
Neide Maria de Almeida PINTO,
Tiago Nogueira GALINARI,
Vanessa Aparecida Moreira de BARROS.

TD - 03/2009

Viçosa, Minas Gerais
Brazil

Sexismo na geração e difusão de tecnologia nas Ciências Agrárias.

Sexism in Generation and diffusion of techonology in Sciences Agrarians

RESUMO

Trazemos nesta pesquisa dados que evidenciam que a produção do conhecimento na universidade e a sua difusão para o meio rural não são sexualmente neutros. Tais processos de produção e difusão tecnológica reforçam os padrões sexistas culturalmente existentes no meio rural. Esta pesquisa foi realizada analisando-se, no âmbito da produção científica, o número de pesquisadores e estudantes de mestrado e doutorado do sexo masculino e feminino nos programas de pós-graduação da Área de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa; e no âmbito da difusão de tecnologia, a freqüência de homens e mulheres a cursos abertos à população durante a Semana do Fazendeiro, um evento quase secular, promovido pela Universidade Federal de Viçosa. No que diz respeito, a investigação realizada no âmbito da difusão de tecnologia, a pesquisa teve um caráter longitudinal, coletando dados no período compreendido entre os anos de 2004 a 2008. A conclusão deste estudo reforçou a tese já presente em outros estudos iberoamericanos de que a ampliação de uma democracia cognitiva no campo das Ciências Agrárias passa pela percepção de que o discurso sexista se generaliza no ciclo de produção e popularização dos descobrimentos científicos. Assim, é preciso que desde a etapa da produção tecnológica até a sua difusão se conceba que o conhecimento produzido nas universidades e que chega ao campo é, também, coisa de e para mulher.

Palavras chaves: tecnologia para o meio rural, trabalho feminino, trabalho produtivo e reprodutivo.

ABSTRACT

This work analyses the existing correlation in rural areas between the technology that is being associated with male job and the female job taken as a synonym of reproductive work. We bring in this research data that shown that the science produced in universities for rural areas is not sexually neutral, reinforcing the sexist patterns culturally prevailing in these spaces. This research had a longitudinal character, to work with collecting data removed from courses offered during the "Semana do Fazendeiro", along four year, since 2004 until 2007, correlating to each courses offered the frequency of men and women. We concluded showing that the technologic sexism perpetuates in models of management of productive units in rural areas, that considers the woman in a complementary hierarchical condition.

Key words: rural technology, female job, productive and reproductive work.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa "Sexismo na geração e difusão de tecnologia[1] nas Ciências Agrárias", que ora apresentamos os resultados, teve como objetivo investigar o lugar que as mulheres ocupam na produção do conhecimento científico e no acesso aos mesmos, enquanto receptora. Apresentamos, neste estudo, evidências relativas à assimetria posicional da mulher na produção científica, como, também, no acesso a conhecimentos técnicos e a tecnologias. Para tanto, levantamos dados relativos à discrepância quantitativa existente entre pesquisadores de ambos os sexos no Campo das Ciências Agrárias, como, também, evidenciamos a correlação socialmente estabelecida entre tecnologia tomada como sinônimo de trabalho masculino, e trabalho feminino tomado como sinônimo de trabalho reprodutivo, através dos dados referentes a freqüência de homens e mulheres aos cursos oferecidos em um evento promovido pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e aberto à comunidade.

[1] Sexismo ou sexista é um conceito utilizado por autoras como SCHIENBINGER (2001), HARAWAY (2000) para afirmar a perpetuação de hierarquias nas relações de gênero em várias esferas da sociedade.

Ao discutirmos especificamente o sexismo na produção do conhecimento científico não estamos partindo do pressuposto de que a técnica teria uma racionalidade própria. Estamos, antes, compartilhando da tese de HABERMAS (2001) de que uma tecnologia não seria, à princípio, em si mesma, sexista, ou seja, destinada ou apropriada para um ou outro sexo. Seria dentro de sua institucionalização na sociedade e no próprio campo científico que este sexismo da ciência se configuraria.

Segundo SCHIENBINGER (2001), uma das vias para a instauração da discriminação sexista na ciência foi historicamente construída através da concepção socialmente vigente, por Séculos, de que o homem traria em si características como a objetividade e a racionalidade, tendo, assim, uma afinidade inata, com áreas do conhecimento como a física e a matemática, consideradas como "frias" e "exatas". Dada a veracidade deste argumento, inúmeras mulheres haveriam se livrado de terem sido assassinadas por seus maridos, amantes, senhores e amos, que longe de terem a frieza e a racionalidade intrínseca em seus genes, impregnaram a história de sangue, em nome da honra e da vingança, sentimentos ferozes, que passam longe da razão fria, capaz de conter as emoções advindas do coração.

Para além deste lamentável desvelo da dominação masculina inscrito na história da humanidade, um rápido olhar nos nomes de grandes cientistas, mulheres, reconhecidas mundialmente, por sua contribuição à ciência, tais como: Marie Curie e sua filha Irene, ambas, prêmio Nobel em química, em 1911 e 1935, respectivamente; Maria Goeppert-Mayer, prêmio de Física em 1963; Dorothy Crowfoot, em 1964; Rita Levi-Montalcini, Nobel de medicina em 1986; e tantas outras que, mesmo anonimamente, vêm fazendo cotidianamente a dita "ciência normal", e se projetando no meio acadêmico, basta para percebermos que a produção científica é coisa de homens e mulheres, independente de serem do campo das Ciências Exatas, Biológicas ou Humanas..

Para analisarmos como o processo de geração de tecnologia está envolto em uma visão social de mundo sexista e conservadora analisamos o ciclo produção-difusão-consumo de tecnologia. No âmbito da esfera da produção de tecnologia fizemos uma pesquisa de levantamento acerca do número de pesquisadores, homens e mulheres, docentes e estudantes de pós-graduação, ligados aos programas da Área de Ciências Agrárias na Universidade Federal de Viçosa. No âmbito da difusão-consumo de tecnologia também realizamos uma pesquisa de levantamento acerca das tecnologias apresentadas pela Universidade Federal de Viçosa a produtores e produtoras rurais, em um evento de abrangência nacional: a Semana do Fazendeiro[2], que caminha para a sua 80ª edição, em 2009.

Durante este evento são veiculados os conhecimentos tecnológicos desenvolvidos por, praticamente, todos os Departamentos da Universidade, bem como por outras instituições públicas de Pesquisa como a EMBRAPA e a EPAMIG. A Semana do Fazendeiro oferece a possibilidade de visualizarmos tanto os conhecimentos produzidos na Universidade de uma perspectiva de gênero, como, também, a forma como se efetiva a sua difusão. O que desejávamos verificar nesta pesquisa era se havia uma correlação entre cursos freqüentados por homens e seu vínculo com "atividades produtivas", que demandam tecnologia, e cursos freqüentados por mulheres, vinculados à atividade reprodutivas, as quais são concebidas como não demandando conhecimento científico, mas, antes, prático.

---

[2] A Semana do Fazendeiro foi instituída em 1929 e se consolidou a partir da criação de um Centro de Ensino e Extensão (C.E.E.), na década de 1950. Tal proposta tinha como orientação manter a supremacia dos conhecimentos práticos em relação aos conhecimentos teóricos, além de exercer um importante vínculo entre os agrônomos e fazendeiros, pois, naquele momento histórico, estes últimos exerciam um poder político muito forte. Atualmente, este evento mantém suas atividades anualmente para difusão de tecnologias e conhecimentos agropecuários junto aos produtore(a)s rurais.

Acreditamos que a importância de nossa investigação reside no fato dela trazer para o Campo das Ciências Agrárias uma temática que já não é nova na Ciência em geral. Trabalhos como os de KELLER (1989), BARRAL et al (1999), HARDING (1991), SCHIEBINGER (1989) na área de sociologia do conhecimento científico já apontam, desde a década de 80, para os estereótipos sexuais presentes nas várias fases da ciência: desde a escolha do problema a investigar até a eleição das teorias explicativas utilizadas. O estudo de MIQUEO et al (2006) mostra, por exemplo, como nos processos de descobrimento dos fatos biológicos, como nos estudos relativos aos dimorfismos sexuais do cérebro, ou ao desenvolvimento embriológico, ou às enfermidades ligadas ao sexo, é possível observar duas fases:

> "*a primeira implica a afirmação da primazia do masculino, geralmente expresso como maior e ativo (gameta, hormônio, cromossoma); a segunda, passa pela redefinição/revisão do feminino questionando-se o problema anteriormente formulado, a aceitação parcial de uma maior transcendência do feminino e a afirmação final do feminino realizada sempre face à avalanche de evidências que vão refutando as teorias até então estabelecidas.*" Miqueo et al (2006: 223)

Se tais questionamentos já estão presentes desde a década de 80 na área da sociologia da Ciência, nas Ciências Agrárias tal perspectiva investigativa ainda é bastante incipiente, se fazendo mais presente em pesquisas relacionadas ao campo da extensão rural e da difusão de tecnologia, do que no campo da produção científica. Em nossa pesquisa abordamos o sexismo tanto na produção quanto na difusão do conhecimento científico. No que diz respeito, especificamente, a produção do conhecimento, adotamos como perspectiva analítica não adentrar o campo do conteúdo das pesquisas realizadas, como foi o caso dos estudos que utilizamos como exemplos, ligados à biologia, citados acima. Delimitamos como objeto do nosso estudo a participação das mulheres na produção do conhecimento no campo das Ciências Agrárias e no acesso a estes conhecimentos. Tomamos como unidade de análise a

composição do quadro de pesquisadores dos onze cursos da área de Ciências Agrárias existentes na Universidade Federal de Viçosa e a freqüência aos centos e cinqüenta e três cursos oferecidos na Semana do Fazendeiro.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Mediante a perspectiva de analisarmos o ciclo da produção-difusão-consumo de tecnologia priorizamos na etapa investigativa voltada para a produção tecnológica analisarmos os onze programas de pós-graduação da área de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa de uma perspectiva de gênero, ou seja, levantando o número de pesquisadores, homens e mulheres, neles presentes, na condição de docentes e discentes.

No que diz respeito à etapa da investigação voltada para o âmbito do processo de difusão-consumo de tecnologia esta pesquisa teve um caráter longitudinal. Trabalhou-se com a coleta de dados retirados dos cursos oferecidos durante a Semana do Fazendeiro, ao longo de quatro anos, de 2004 a 2007. Correlacionando cada um dos cursos oferecidos com a freqüência de homens e mulheres a eles. Primeiramente, foi transposta para o Excel a listagem de todos os cursos oferecidos pelos Departamentos da UFV e pelas mencionadas instituições de Pesquisa (EMBRAPA e EPAMIG) separando os participantes por sexo. Em seguida procedeu-se a uma condensação dos cursos agrupando-os em 16 categorias, sendo estas: 1) tecnologias voltadas para a Bovinocultura, Suinocultura, Eqüinocultura, ovinocultura; 2) tecnologias voltadas para a Agricultura; 3) tecnologias alternativas e meio ambiente; 4) tecnologias voltadas para a Silvicultura; 5) tecnologias voltadas para as Aves; 6) tecnologias voltadas para o processamento de alimentos; 7) tecnologias voltadas para a criação de peixe, minhocas, apicultura, escargot, bicho da seda, capivara, coelho; 8) tecnologias voltadas para as atividades não-agrícolas; 9) práticas Associativas e Cooperativas; 10) administração Rural; 11) economia de Energia Domiciliar; 12) máquinas agrícolas; 13) construções rurais; 14) água; 15) legislação; e 16) informática para o meio rural.

Realizado o agrupamento dos cursos oferecidos na Semana do Fazendeiro, entre os anos de 2004 e 2007, e formadas as 16 categorias taxonômicas, distribuímos a freqüência dos participantes dentro delas, segundo o seu sexo, como pode ser visto na tabela 1.

Procedimento metodológico semelhante foi utilizado para analisar as relações de gênero nos cursos oferecidos pela EMATER. Primeiramente, listamos os cursos oferecidos pela EMATER de 2004 a 2007 durante a realização da Semana do Fazendeiro, distribuindo a freqüência dos participantes por sexo. Logo depois procedemos à categorização dos cursos oferecidos, enquadrando-os na esfera produtiva ou reprodutiva, segundo a definição de HABERMAS, anteriormente apresentada, que apesar de ter sido problematizada por nós, expressa justamente a concepção socialmente vigente, que relaciona as *atividades produtivas* à geração de renda e ao mercado, e as atividades reprodutivas às práticas vinculadas a família e ao ambiente doméstico, privado. Deste modo, foi enquadrada na esfera produtiva: aplicação de Medicamentos; vacinas, mutação e castração em Bovinos; armazenamento de grãos na propriedade rural; avicultura como alternativa de renda e alimentação para agricultores familiares; café; conservação do solo e da água na propriedade rural; plantio direto por tração animal; produção de banana; produção de goiaba; produção de maracujá; produção de mangueira; produção de coco anão; produção de mudas de eucalipto; produção de ovinos; produção de peixes; produção de tomate; hortaliças; qualidade do leite em tanque de expansão coletiva; técnicas alternativas de produção de alimentos; produção artesanal de cachaça; e turismo rural. E na esfera reprodutiva: fabricação caseira de alimentos; formação e condução do pomar doméstico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação voltada para a produção científica de homens e mulheres nos cursos do Centro de Ciências Agrárias da UFV levou em consideração o número de docentes-pesquisadores e estudantes de mestrado e doutorado do sexo masculino e feminino

ligados aos seus onze Programas de Pós-Graduação: Ciência: Florestal, Economia Aplicada, Engenharia Agrícola, Extensão Rural, Fitopatologia, Fitotecnia, Fisiologia Vegetal, Genética e Melhoramento, Solos e nutrição de planta e, zootecnia. No que diz respeito aos 254 (duzentos e cinqüenta e quatro) docentes-pesquisadores constatou-se que dos 89%, ou seja, 225 (duzentos e vinte e cinco), eram homens, contra apenas11% de pesquisadoras-docentes, ou seja, 29 (vinte e nove).

No gradiente dos Programs de Pós-Graduação mais masculinos para os menos aparecem: em 1º lugar *Meteorologia agrícola*, com 100% dos seus oito docentes-pesquisadores (D.P.) sendo homens; em 2º *Ciência Florestal,* com 97% dos seus 32 (D.P.) sendo homens; em 3º lugar *Fitotecnia*, com 95% dos seus (D.P.) sendo homens, em 4º *Fitopatologia* com 94% dos seus (D.P.) sendo homens; em 5º *Solos e Nutrição de Plantas* com 92% dos seus (D.P.) sendo homens, em 6º lugar, abaixando da casa dos 90% *Engenharia Agrícola* com 89% dos seus (D.P.) sendo homens; em 7º *Genética e Melhoramento*, com 87% dos seus (D.P.) sendo homens; em 8º empatados Zootecnia e fisiologia vegetal com 86% dos seus (D.P.) sendo homens, em 9º *Economia Aplicada* e em 10º *Extensão Rural*, com apenas 45% dos seus (D.P.) sendo homens.

Ao analisarmos este gradiente de concentração de homens na carreira de pesquisador-docente percebemos que os programas de pós-graduação mais masculinos são, também, aqueles mais diretamente ligados a esfera produtiva, ficando no estrato de menor concentração, justamente, os cursos menos diretamente ligados à geração de conhecimento para a esfera produtiva como o de Economia Aplicada e o de Extensão Rural. Estes dados ainda poderiam ser mais aprofundados levantando-se o número de professores associados por nível (1, 2, 3, 4) e de titulares, por sexo, como fizeram as pesquisadoras RODRÍGUEZ-SALA e ZUBIETA (2006) na Universidade Nacional do México. Tais pesquisadoras constataram que além do menor número de mulheres pesquisadoras, a desproporção de pesquisadoras se acentua quando se

considera a ascensão dentro da carreira, ou seja, elas atingem em muito menor proporção os cargos mais remunerados e de menor prestígio dentro da Universidade.

Quando analisamos o número de estudantes que já passaram e que ainda estão se formando nos cursos de pós-graduação da área de Ciências Agrárias percebemos que o desequilíbrio entre homens e mulheres é bem menor que no âmbito da pesquisa e da docência: são 55% de homens, para 45% de mulheres. Entretanto, este maior equilíbrio quantitativo, quando visto dentro do âmbito da cadeia científica, ou seja, dentro de uma perspectiva de elo, de degrau entre a formação do estudante na pós-graduação como uma etapa que antecede a entrada de uma parte deles no meio acadêmico, é importante considerar como chama a atenção SCHIEBINGER (1989), a variável "socialização". Segundo esta pesquisadora norte-americana, a maior proximidade entre estudantes e docentes-pesquisadores homens, mesmo em momentos informais como nas saídas para tomar um cafezinho, ou nas conversas sobre coisas do cotidiano, acabariam tornando os laços entre ambos mais forte que entre o pesquisador e a estudante. Segundo esta pesquisadora tais vínculos de proximidade se constituiriam em uma variável interveniente dentro da cadeia de produção do conhecimento científico, em virtudes dos estudantes homens obterem melhores indicações que as mulheres para a ocupação de cargos e oportunidades de emprego dentro e fora da universidade. Embora, em nossa pesquisa não tenhamos levantado dados que permitam reforçar os argumentos de SCHIEBINGER (1989), ao analisarmos as diferenças nos quadros de docentes-pesquisadores homens em relação às mulheres, tendemos a considerar como plausível esta hipótese.

Todavia, nossos dados reforçam os argumentos de todas as pesquisadoras anteriormente citadas, SCHIEBINGER (1989), RODRÍGUEZ-SALA e ZUBIETA (2006), MIQUEO (2006), HARAWAY (2000), KELLER (1989), BARRAL et al (1999), HARDING (1991), quanto ao fato de que o grau de sexismo na produção científica se apresenta diretamente

proporcional a cultura sexista do público receptor. Daí a importância de se utilizar como variável fundamental de nosso estudo o ciclo de produção-difusão-consumo da ciência, para podermos perceber que a prática científica no campo das ciências agrárias, embora não exclusivamente nele, vem reproduzindo de forma acrítica hábitos culturais com viés sexistas presentes, sobretudo, no meio rural. Ou seja, perpetua-se no campo das ciências agrárias predisposições para agir segundo pressupostos culturais que correlacionam o que é tecnológico ao homem e o que é reprodutivo à mulher, como se isto estivesse inscrito na natureza humana. A seguir passaremos, então a considerar os dados referentes ao processo de difusão-acesso aos conhecimentos científicos por parte de homens e mulheres, tomando por base a freqüência aos cursos oferecidos na Semana do Fazendeiro.

Iniciamos a apresentação e discussão desta segunda etapa de nossa pesquisa, voltada para a análise da difusão-acesso a tecnologias trazendo como consideração o fato de que os participantes dos cursos oferecidos durante a Semana do Fazendeiro são livres para escolherem os cursos de sua preferência e que isto independe da própria oferta em si, ou seja, não é o pesquisador que oferece um determindao curso o responsável pela escolha que cada pessoa faz. Certamente está correta esta interpretação, mas não completa. As escolhas não são fortuitas e ao acaso, elas seguem padrões de comportamento. Tona-los visíveis e compreensíveis pode ajudar a democratizar o acesso das mulheres rurais a tecnologias, que as capacitem a gerir as unidades familiares produtivas onde vivem.

O que nos interessa evidenciar nos dados relativos à freqüência de homens e mulheres aos cursos oferecidos na Semana do Fazendeiro é o fato de se perpetuar ao longo dos anos uma correlação entre a freqüência dos homens aos cursos concebidos socialmente como vinculados às atividades produtivas, aquelas que supostamente gerariam a renda responsável pelo sustento da família, atributo do homem, e a freqüência da mulher aos cursos relacionados

às atividades reprodutivas, voltadas para a família, a casa e para a geração de renda "miúda", "cotidiana".

A representação da sociedade dividida em uma esfera pública vinculada ao homem e privada vinculada à mulher segundo Nicholson (2000) está associada ao fato de que com a emergência da sociedade capitalista, no Séc. XIX, a realização de atividades para a geração de renda se deslocou da esfera da casa para o mundo público. Assim, acabou se assumindo como produtivo aquilo que era realizado na esfera do mercado e pelo homem. As atividades realizadas na esfera doméstica foram assumidas socialmente como atividades reprodutivas, realizadas pelas mulheres. Desta forma, se naturalizou a dissociação entre as esferas ditas produtivas e reprodutivas, desconsiderando-se, inclusive, que a mulher está presente em ambas, só que de forma subjugada.

Utilizamos tais categorias de classificação das atividades em "produtivas" e "reprodutivas" na análise dos dados, a fim de expressarmos, justamente, aquilo que referenda os valores de senso comum que guiam as escolhas das pessoas, quanto aquilo que se concebe socialmente como sendo tarefa cabível a um homem e a mulher, mas, comungamos totalmente das críticas feitas por teóricos feministas acerca desta dicotomização conceitual. Aplicamos na interpretação da tabela 1, a classificação das atividades em "produtivas" e "reprodutivas" para analisarmos os cursos oferecidos pelos departamentos da UFV na Semana do Fazendeiro. Assim, foram incluídos dentro dos cursos associados a atividades produtivas os de tecnologias voltadas para a agricultura, os de silvicultura, os de máquinas agrícolas, os voltados para a bovinocultura, para a suinocultura, para a criação de aves e de peixes, para a apicultura, para a utilização de tecnologias alternativas, da água e preservação do meio ambiente, e os voltados para a administração da Unidade Produtiva. Como cursos ligados às atividades reprodutivas foram enquadrados os de processamento de alimentos. Mesmo considerando que as atividades como as de processamento de alimentos geram renda para a

unidade produtiva familiar, esta, em sua maioria, está associada ao dinheiro pequeno, ao dinheiro do dia a dia, das miudezas. É claro que dentro desta categoria de processamento de alimentos podem se enquadrar grandes empreendimentos, mas, a tendência, entre o público freqüentador da Semana do Fazendeiro, o qual é composto majoritariamente por agricultores familiares, tanto os tecnificados, quanto os pouco tecnificados, o costume é o de que as mulheres fiquem a cargo das atividades de processamento de alimentos, como queijos, doces e biscoitos, incluindo-se, assim, tais atividades, naquilo que se concebe como atividade reprodutiva.

Tabela 1 - Cursos oferecidos pelos Departamentos da UFV na Semana do Fazendeiro no período de 2004-2007.

DEPARTAMENTOS UFV								
Cursos	2004		2005		2006		2007	
	H	M	H	M	H	M	H	M
Tecnologias Voltadas para a Agricultura, Silvicultura, Máquinas agrícolas	842	302	587	221	287	69	324	134
Tecnologias Voltadas para a Bovinocultura, suinocultura, Aves, Peixes, Apicultura	605	131	431	164	515	167	556	120
Meio ambiente, Tecnologias Alternativas, Água	320	106	206	93	166	96	319	165
Processamento de Alimentos	189	209	76	94	43	99	31	40
Administração da Unidade Produtiva	142	30	36	14	17	17	75	31
TOTAL	2089	778	1336	586	1028	448	1305	490

Fonte: Pesquisa 2008.

Ao analisarmos a tabela 1 que expressa o gradiente de concentração de homens e mulheres nos cursos,oferecidos na Semana do Fazendeiro, notamos que os cursoa com maior concentração de homens foram os de tecnologias voltadas para a bovinocultura, suinocultura, aves, peixes e apicultura, com 78% de participação masculina e apenas 22% de feminina. Em segundo lugar no gradiente de concentração de homens estão os cursos de tecnologias voltadas para a agricultura, silvicultura e máquinas agrícolas, com 74% de participação masculina e apenas 26% feminina. Percentual que se repete nos cursos voltados para a administração rural. Nos cursos de tecnologias alternativas, meio ambiente e cuidado com a água, a participação se mantém a superioridade numérica dos homens, mas é um pouco mais expressiva a participação das mulheres que nos cursos anteriores: as mulheres representam 31% do público destes cursos e os homens 69%. Os únicos cursos onde a participação das mulheres supera a dos homens são nos cursos voltados para o processamento de alimentos, com 57% de participação feminina e 43% de masculina.

Percebemos, assim, que os cursos que estão voltados para a capacitação em atividades socialmente concebidas como associadas à esfera produtiva são expressivamente ocupados por homens, com um percentual aproximado de 75% dos demandantes. Tal configuração presente nos cursos oferecidos pelos departamentos da UFV na Semana do Fazendeiro acaba por reproduzir as condições existentes socialmente, as quais estão estruturadas a partir do princípio da separação dos papéis sexuais, que relaciona as mulheres à esfera privada e às atividades reprodutivas e os homens à esfera pública e às atividades produtivas.

CONCLUSÃO

Duas conclusões são bem claras em nosso estudo. No que diz respeito à produção do conhecimento científico nos programas de pós-graduação na Universidade Federal de Viçosa, observamos que estamos muito longe do que poderíamos conceber como uma “democracia cognitiva. Se poderia alegar que as regras são as mesmas para homens e mulheres se tornarem docentes-pesquisadores nos programas de pós-graduação. No entanto, basta um rápido olhar

sobre a configuração do quadro de dicentes-pesquisadores desses mesmos programas, para percebermos que o número de mulheres é bastante mais significativo do que o percentual que, de fato, adentra o círculo acadêmico na condição de docente-pesquisador. Fica, portanto, ao menos como uma hipótese a ser mais investigada a existência de um sexismo institucionalmente naturalizado e não questionado.

O outro dado significativo trazido por esta pesquisa está relacionado ao fato de ter ficado evidenciado o grande distanciamento das mulheres do meio rural do acesso ao conhecimento tecnológico relacionado ao seu contexto socioeconômico. Mais do que isto, não se manifesta qualquer tendência de crescimento da freqüência das mesmas a eventos de acesso ao conhecimento técnico que lhes capacite e lhes dê legitimidade para compartilhar as diretrizes de gestão na unidade produtiva. Já os homens reforçam sua assimetria de poder de mando e decisão na propriedade, ao se atualizar e capacitar tecnologicamente.

Nem mesmo se consideramos as atividades relativas ao processamento de alimentos, as quais têm uma maior interface com as atividades consideradas reprodutivas e, por isto, próprias às mulheres, a participação feminina chega a ser tendencialmente consistente. Ou seja, a participação feminina é baixa nos cursos não é nem pelo fato de grande parte deles estar voltado para a esfera concebida como "produtiva" e, portanto, serem vistos como destinados ao homem, mas, antes, a freqüência das mulheres não é constante e nem crescente nos cursos voltados para a esfera dita reprodutiva, porque simplesmente conhecimento e qualificação não são concebidos socialmente como sendo para ela.

Culturalmente o conhecimento tecnológico, qualificador da posição profissional de produtora rural não está construído, visto que a mulher rural é vista como aquela que ajuda, ela é a dona de casa, mas não uma produtora rural. Daí que a busca por se qualificar dentro da sua profissão não está interiorizada nela mesma, nem construída socialmente, como uma expectativa a ser realizada. O conhecimento tecnológico não se destina a mulher rural porque

ela é alguém que não pertence à esfera pública, da economia, da profissão, da política, do associativismo.

Assim, sem contar potencialmente com a qualificação produtiva de cerca da metade de sua população é que o meio rural brasileiro amarga índices muito baixos de produtividade, uma qualidade de vida deplorável e uma falta de perspectiva de mudança de lugar na hierarquia social e familiar, que em tudo estimula a saída das moças do meio rural, deixando o meio rural cada vez mais com uma cara masculina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRAL, M. J.; MAGALLÓN,C.; MIQUEO,C.; SÁNCHEZ (eds.). *Interaciones ciencia y género*. Discursos y practicas cintificas de las mujeres. Barcelona: Icaria, 1999.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Edições 70, 2001.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p.7-42, 1995.

HARAWAY, D; SILVA, T. T. da; KUNSRU, H. **Antropologia do Ciborgue**. Autêntica, 2000.

HARDING, S. **Whose Science? Whose nowledge? Thinking from women´s lives**. Itaca, NY: Cornell University Press, 1991.

KELLER, E. F. *Reflexiones sobre género y ciência*. Valencia: Alfons e Magnanim, 1989.

MIQUEO, C. et. al. Hechos y valores de género en la producción y difusión científica. In: SEDEÑO, E. P. et. al. **Ciencia, Tecnología y género en Iberoamerica**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006.

NICHOLSON, Linda. Feminismo e Marx: Integrando o parentesco com o econômico. In: BENHABIB, Seyla, CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1989.

RODRÍGUEZ-SALA, M. L.; ZUBIETA, G. J. La UNAM: ? Espacio de equidad para las mujeres académicas? In: **Ciencia, Tecnología y género en Iberoamerica**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006. p 119-134.

SCHIEBINGER, L. **The mind has not sex?** Womens in the origins of Modern Science. Cambridge: Harward UP, 1989.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP : EDUSC, 2001. 384 p. (Coleção Mulher).

SEDEÑO, E. P. et. al. **Ciencia, Tecnología y género en Iberoamerica**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006.

.